

dossier FICA • entrevista

Que importância tem para a cultura e o meio cultural de Goiás um evento como o Festival de Cinema e Vídeo Ambiental? Estado de tradição agrária, Goiás passou por um forte ritmo de urbanização e, por muito tempo, se ressentiu de um diálogo no domínio das artes com outros centros importantes. Nesta entrevista, o professor de História da UFG, Nasr Chaul, que está no oitavo ano à frente da Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, analisa alguns dos desdobramentos que o FICA tem provocado.

NASR CHAUL: Goiás e o FICA

Revista UFG: Como podem ser avaliados esses oito anos de FICA?

Nasr Chaul: Começamos com a história: tínhamos apenas três meses de gestão. Estávamos ainda tentando entender a dimensão do que era a Fundação Cultural Pedro Ludovico (que depois foi transformada no que é hoje a Agepel). O Jaime Sautchuck trouxe, juntamente com o Gonzaga e o Luís Felipe Gabriel, a idéia desse festival, que era fruto da experiência dele como júri do Festival de Serra da Estrela, em Portugal, e que já existe há onze anos e inspirou, digamos assim, a moldagem desse projeto para Goiás. O governador Marconi Perillo de pronto aceitou a proposta. Na época, o custo girou em torno de oitocentos mil reais, todo arcado pelo Estado. Convidamos o João Batista de Andrade, um cineasta de renome nacional, que morava em Goiás nessa época. Nossa intenção era montar um festival que não fosse só de cinema, mas que estivesse envolto em uma “multiculturalidade”. Isso deveria ser um diferencial, além do viés ambiental. Nós o recheamos com atividades culturais, com música, com teatro, com dança, com lançamento de livros, com literatura, com poesia, sob a ótica de que a sétima arte envolve todas as outras. Como era a primeira experiência, nos dividimos entre duas instâncias de governo: a Secretaria de Meio Ambiente (que depois se tornou Agência Ambiental) e a Fundação Cultural Pedro Ludovico. Isso possibilitou somar esforços, uma vez que o viés ambiental era fundamental.

Revista UFG: A partir de quando a Agepel assumiu completamente o Festival?

Nasr Chaul: Foi um processo decorrente do sucesso das edições posteriores. No primeiro ano, a cidade de Goiás não tinha sido envolvida, mesmo porque o tempo foi muito curto. No segundo ano já procuramos envolver a cidade, viabilizamos as oficinas, pois notamos que havia uma questão fundamental, que era o investimento na formação. Procuramos profissionais de áreas ligadas ao cinema, às questões ambientais, e ampliamos a parte artística, a que nós chamamos de atividades paralelas do festival. Além disso, melhoramos muito os prêmios, ampliamos alguns mecanismos também de incentivo ao

cinema e ao vídeo regionais, e inserimos na parte artística um show fechando o Festival. Convidamos Gilberto Gil e Egberto Gismonti. E para nossa surpresa o sucesso foi triplicado. Foi aí que pudemos notar que a própria cidade de Goiás não tinha absorvido a dimensão daquele festival. No último dia não se achava nem pipoca para se comprar na cidade.

Foi nesse momento, que nos demos conta de que era necessário voltar a atenção para um outro aspecto que, ironicamente, era o *ambiente* em que se realizava o festival: o tratamento da cidade em que ele era realizado, o aprimoramento da mão-de-obra, enfim, a preparação da cidade. Ele tinha sido edificado na cidade de Goiás, não só pelo cenário cultural e artístico e visual, mas também com a finalidade de dar mais visibilidade à sua candidatura a patrimônio da humanidade. Foi necessário então envolver a Agência de Turismo (Agetur), preparar as pessoas na cidade de Goiás. A partir daí, começamos a nos preocupar em ampliar o festival em termos internacionais, fazendo intercâmbios com festivais de outros países – Portugal, Itália, Camboja, Japão, Índia, China. A quarta edição foi mais tumultuada. Tínhamos um ícone de cinema coordenando, o cineasta Nelson Pereira dos Santos. Naquele ano, o FICA ficou gigantesco. Para se ter uma idéia, no dia do show de encerramento com Milton Nascimento havia 150 mil pessoas na cidade de Goiás, que é uma cidade de 33 mil habitantes. Esse gigantismo estava relacionado com as pessoas que iam para a cidade de Goiás por causa da festa que tinha se tornado o Festival, e não pelo Festival em si.

Para a edição seguinte, com a reeleição do governador, propusemos não mais dividir o FICA entre duas agências do Estado, ficando definitivamente com a Agepel. Isso possibilitava mais agilidade administrativa. Assim, o modelo atual do VIII FICA é fruto das transformações oriundas do IV para o V FICA.

Revista UFG: E como se deu, a partir de então, o processo de internacionalização do Festival?

Nasr Chaul: Diminuímos sensivelmente aquilo que não era cinema; mais conceitos, menos atividades culturais, sem acabar com elas. Solucionamos a questão do espaço físico para cinema na cidade de Goiás. Levamos a idéia do Washington de fazer uma usina de lixo, investimos no aprimoramento da mão-de-obra da cidade e já notávamos o crescimento

da rede hoteleira e conseguimos que a cidade fosse totalmente envolvida com o festival a partir do quinto ano. O patrocínio da iniciativa privada veio crescendo a cada ano, diluindo um pouco os gastos do tesouro estadual. Por outro lado, já tínhamos contato com pessoas ligadas à Unesco, e a redes de ensino do país como um todo, que nos solicitavam os filmes, pois eles ampliavam as discussões sobre a questão do cinema ambiental, no Rio de Janeiro, em São Paulo, na Bahia, na Argentina... Começamos a entender que deveríamos fazer, a partir do VI FICA, um processo de internacionalização do Festival. Fomos à cidade de Seia, na Serra da Estrela, em Portugal, e fizemos um convênio que possibilitou, pela primeira vez no mundo, que duas cidades se tornassem geminadas a partir de um festival ambiental. Fizemos o mesmo com Turim, na Itália. A essa altura, pessoas ligadas ao FICA já vinham sendo convidadas também para participarem de júris de outros festivais internacionais. Esse leque foi se ampliando até que a idéia de criar um Festival dos Festivais dentro do FICA pôde ser consolidada em Turim, em 2005. Com isso, está sendo criada uma “rede de festivais” que vai permitir que, todo ano em cada um desses países, esse festival possa ser realizado como uma espécie de “Prêmio Internacional” do cinema ambiental. E tivemos a preocupação também de, dentro do FICA, criar um universo de conscientização ecológica cada vez mais amplo, de canalizar todas as atividades possíveis nesse campo, sem esquecer que o festival, antes de ser ambiental, é cultural.

Já havia a música, já havia o teatro, e nós passamos então a buscar uma relação com as artes plásticas. Toda a mídia do FICA foi feita em cima de uma foto do Rui Faquini. A partir de então nós convidamos artistas plásticos para fazer uma exposição oficial no FICA, ilustrando toda a parte gráfica do FICA. Vieram na seqüência Siron Franco, Antonio Poteiro, Ana Maria Pacheco, D. J. Oliveira, Roosevelt, Amaury Menezes, e neste ano é o Elder Rocha Lima. É uma forma de levar as artes plásticas de Goiás para o mundo. Procuramos divulgar o FICA em grandes revistas, jornais, trazer jornalistas, críticos de cinema. Além disso, incentivamos as mostras paralelas: a mostra de cinema brasileiro, a mostra de cinema português, a mostra de cinema infantil.

Revista UFG: E o cinema em Goiás?

Nasr Chaul: Para se ter uma idéia: desde o I FICA, nós ajudamos a terminar alguns curtas, alguns médias-metragens, com pouco investimento. Tivemos nove filmes inscritos no I FICA. Agora, em 2006, tivemos 42 filmes goianos inscritos, além de várias mostras, de editais públicos da Agepel. O pólo digital de cinema que será lançado no FICA deste ano, em convênio com o Ministério da Cultura, traduz de uma forma muito concisa um retrato bastante fiel da vida cultural.

Revista UFG: Mas não haveria uma centralização dos recursos somente no cinema?

Nasr Chaul: Um evento de porte internacional com a grande abrangência nacional como o FICA é capaz dar a dimensão e mostrar o que o Estado tem em termos do uso de seu potencial cultural, arquitetônico etc. Tanto que na esteira do FICA vieram o Canto da Primavera, que já está na sétima edição, a Temporada Nacional de Teatro de Porangatu (Tenpo), no norte do Estado, que vai pra quinta edição, a Mostra Nacional de Dança, a Bienal. Já estamos na quinta edição da Mostra Flamboyant de Artes Plásticas, que envolve parceria da Agepel com a iniciativa privada. O que eu quero dizer é que o FICA foi o elemento catalisador da reação cultural, ao demonstrar que nós tínhamos talento e condições na área cultural que era menos desenvolvida no Estado: o cinema. Se me perguntassem qual é a maior realização que nós conseguimos até hoje, em minha opinião, não é o FICA ou os outros eventos que citei, nem a construção do Centro Cultural Oscar Niemeyer. Eu acho que a maior realização de todos foi conseguir, em tão pouco tempo, historicamente falando, elevar a auto-estima de um povo por meio de sua cultura. E o FICA foi a ponta de lança desse processo. Ele foi o novo, ele foi a estética diferenciada de uma série de ações. E, mais importante, foi abraçado pela sociedade, foi abraçado pela cidade de Goiás, pelos cineastas, pelos artistas em geral, pelas instituições, que viram que ele não tinha malabarismo, apenas cuidava de uma coisa fundamental, que era a cultura, juntamente com outra que era essencial: a questão ambiental.

Revista UFG: É curioso que em Goiânia, uma cidade com mais de um milhão de habitantes, a necessidade de uma movimentação cultural importante era um fato real mas não vinha à tona. Não havia indícios na época dessa necessidade?

Nasr Chaul: Quando a gente olha com um olhar de historiador, pode perceber hoje que havia um represamento dessa demanda por bens culturais. O interessante é que a formação que a Universidade nos deu foi fundamental para essa movimentação. A nossa equipe é formada por pessoas que vieram da Universidade, que tiveram sua formação na Universidade. Algumas continuam atuando ainda dentro dela. A militância nas várias áreas da cultura, seja na literatura, seja no jornalismo, na música, nas artes plásticas, possibilitou um diálogo entre os diversos agentes culturais. O que eu quero dizer com isso é que há uma “estética” que a gente traz da Universidade, que é fundamental, e que é produto do conhecimento do processo histórico que a gente adquire nela. ✨